

Economistas abandonam pessimismo

Nove entre 10 analistas prevêem que o ano de 97 será um dos melhores da década

Geraldo Magela

Rio - Feliz Ano Novo. Poucas vezes nas duas últimas décadas esses votos estiveram tão próximos à realidade. Há um consenso entre economistas que o ano de 1997 será, de fato, um dos melhores da década para o País. Daniel Dantas, sócio do banco Opportunity, faz parte desse grupo. "Não há grandes desafios para o Governo e nem áreas de risco", afirma. Nem mesmo na área externa, eleita por nove entre 10 economistas como o calcanhar de aquiles do Governo, ao lado do déficit fiscal.

"Podemos conviver com saldo comercial negativo, porque haverá recursos da privatização e não há sinais de que haja abalos na saúde financeira internacional prejudicando a entrada de recursos externos", disse.

O processo de privatização, segundo ele, é a reforma em curso mais importante: traz receita de curto prazo, aumento de eficiência das empresas vendidas, crescimento de arrecadação, investimento externo e, de quebra, reduz o tamanho do Estado, viabilizando sua capacidade para investir em áreas sociais.

Dantas defende que os recursos não sejam utilizados para abater a dívida pública, mas para investir em educação e saúde. O destino desse dinheiro não

ameaçaria o plano de estabilização, uma vez que o sistema de crédito internacional, a seu ver, não só entenderia como aprovaria a decisão do governo brasileiro. "A maior oportunidade do Brasil é investir em educação neste momento", afirma. "A rentabilidade é enorme, basta ver o que aconteceu com os países asiáticos".

Trata-se, como se sabe, de um investimento de longo prazo, mas a comunidade financeira internacional terá percepção suficiente para perceber que o país crescerá a partir daí. "A relação dívida-Produto Interno Bruto em função disso diminuirá ao longo dos anos, ainda que a dívida não caia", disse Dantas.

Inflação - Os economistas da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e do Instituto de Planejamento de Economia Aplicada (Ipea) projetaram para 1997 a menor taxa de inflação do País desde a década de 50. Uma grande maioria de brasileiros viverá, pela primeira vez na vida, com uma inflação inferior a 8% ao ano.

A CNI projeta uma taxa entre 6% e 8% e o Ipea entre 5% e 8%. Esse resultado será obtido com um crescimento em torno de 5% do Produto Interno Bruto (PIB), desempenho modesto para

os padrões brasileiros, mas elevado se comparado ao crescimento médio previsto pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para os seus 29 países-membros, de 2,4%, a mesma de 1996. No Japão, por exemplo, a média de crescimento na década de 90 é de 1,6%.

A expectativa de crescimento do Ipea, leva em conta, segundo o diretor do Instituto, Cláudio Considera, os investimentos que aportarão no País em 1997 e os recursos obtidos com o processo de privatização. O chefe do departamento econômico da CNI, José Guilherme dos Reis, observa que, apesar do otimismo, há riscos.

O principal está associado à possibilidade de um ritmo de crescimento mais forte que o suportável pelas contas externas. Além disso, há uma grande expectativa em torno da emenda da reeleição presidencial. O risco, nesse caso, segundo a CNI, pode estar associado aos efeitos deste processo sobre a evolução das reformas estruturais e ampliação das incertezas na economia. A maior preocupação, no entanto, está no front externo. A CNI projeta um déficit comercial de R\$ 6,5 bilhões para 1997.



Kandir e Malan: ajuste das contas públicas terá reforço das receitas geradas pelo programa de desestatização